

*Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 5: 251-260, 1995.*

## 'SIZANGA'

Fábio Leite\*

LEITE, F. 'Sizanga'. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 5: 251-260, 1995.*

**RESUMO:** Este texto aborda alguns aspectos de 'Sizanga' (Bosque Sagrado), aparato social dos Senufo, sociedade negro-africana, e das relações que estabelece no universo das práticas históricas, revelando formas de percepção e organização da realidade segundo valores originários definidores da identidade profunda dessa civilização.

**UNITERMOS:** África-negra – Senufo – 'Sizanga' – Socialização – Identidade – Conhecimento.

'Sizanga',<sup>1</sup> termo da língua Senari, falada pelos Senufo, sociedade agrária negro-africana, é uma formação florestal conhecida, em terminologia ocidental, por Bosque Sagrado. No conjunto da explicação Senufo do mundo, assume notável importância por se constituir em universo de múltiplas configurações estreitamente ligadas a práticas sociais decisivas, como veremos mais adiante.

A sociedade Senufo estende-se sobre um território africano que cobre áreas da Costa do Marfim, do Mali e do Burkina-Faso (ex-Alto Volta), ocupando ainda pequena porção do Gana. Os limites geográficos dessa ocupação, com exceção do Gana, são estabelecidos ao norte pela localidade de Koutiala – abrangendo o Burkina-Faso e o Mali – ao sul por Katiola, a leste por Bondoukou e a oeste por Odienne, localidades estas situadas na Costa

do Marfim. É possível citar a maioria de seus grupos: 'Dyamala', 'Falafolo', 'Folo', ('Folonbele'), 'Gbato', 'Gonzoro', 'Kadie', 'Kaine', 'Kafinbele', 'Koroboro', 'Kasse', 'Kofolo', 'Kulele', 'Minianka', 'Nanergue', 'Nafara', ('Nafana', 'Nafanbele'), 'Nohwu', 'Nyarhofolo', 'Palanka', 'Pomporo', 'Sankem', 'Sye', 'Tafire', 'Tagba', 'Tagponi' e 'Tagnawa', 'Teneure', 'Tudugu', 'Tyembara' ('Kiembara', 'Kiemgbara', também chamados por 'Tyebabele'), 'Tyefo' e 'Yoli'. Quanto ao número de indivíduos, somente no Departamento de Korhogo (Costa do Marfim) – área localizada nas savanas onde realizamos nossas pesquisas de campo entre os Senufo, eles são quase 300.000 (Coulibaly, 1978), mas não temos condições de fixar o número de pessoas que constituem seu conjunto.

Alguns fatores definem fortemente ainda hoje a identidade histórica Senufo, conforme já explicitamente indicado em texto anterior (Leite, 1986). Origens ancestrais comuns é um deles, assim como a ocupação de um território bem configurado. 'Senari', a língua Senufo, é elemento unificador de seus grupos não obstante suas variações regionais. A sociedade optou pelo modo agrário de produção que exige a sacralização da terra e estabelece sua inapropriabilidade na conformidade das normativas ancestrais. Não existe venda da força

(\*) Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo.

(1) 'Sizanga' é um termo provavelmente composto pela palavra 'Si', que corresponde à designação do que se convencionou chamar "*de força vital*", e da palavra 'Zanga', que significa lugar de recolhimento, de iniciação. É assim, o "*lugar da vida*" (Ouattara, 1981). Acrescentamos aqui que para não correr o risco de utilização errada, temos preferido não usar em nossos escritos sinais gráficos indicativos da entonação das palavras africanas, salvo quando se tratar de eventuais transcrições de autores. Por isso, as colocamos entre aspas, apenas.

de trabalho e os recursos básicos da produção são obtidos dentro da própria sociedade. Não há centralização jurídico-administrativa que abranja o conjunto da sociedade, inexistindo as figuras do Estado e de um mandatário único que o represente. Outro fator é a organização matrilinear do parentesco, que constitui a mulher na única fonte legitimadora de ascendências e descendências.<sup>2</sup> Os Senufo criaram um mecanismo disciplinador das práticas sociais – o 'Poró' – que atinge todo o complexo, o qual, no dizer de Ouattara (1979), estabelece "... os direitos e deveres de cada um dos habitantes...". No 'Poró' são encontradas, por exemplo, as regras que orientam os processos de socialização e as formas de inserção dos indivíduos na sociedade segundo valores extremamente precisos (Leite, 1988). Outro elemento marcante da identidade desses voltaicos é o 'Sizanga', localizado nas adjacências das aldeias, que sintetiza e reproduz os principais valores Senufo e sua organização social, assunto deste texto.

Não falaremos aqui sobre esses outros elementos reveladores da identidade profunda Senufo. Desejamos abordar apenas alguns aspectos do 'Sizanga'.

'Sizanga' reproduz a imagem dos processos primordiais da criação do mundo, da emergência da vida e do homem, bem como de suas transformações. É habitado por divindades, seres e forças desconhecidas, assim como pelos ancestrais, compondo um mundo irredutível que somente é atingido e manipulado pelos detentores do conhecimento de seus mistérios e segredos, mas que está em relação constante com a sociedade. 'Sizanga' é o universo privilegiado, no espaço terrestre, da soberania de 'Katyeleo', princípio vital feminino primordial, que então transpõe como regente dos processos ligados à evolução do homem e da sociedade, presidindo os atos iniciáticos que sintetizam esses processos. Esse espaço é mesmo, de certa maneira, aquele de um encontro vital e decisivo entre homem e divindade dentro da proposta de sacralização, do indivíduo a fim de complementar

cabalmente sua socialização. Ainda mais, é o espaço onde ocorrem outras cerimônias, rituais e atos secretos relacionados com divindades, ancestrais e outras forças da natureza. 'Sizanga' constitui um aparato histórico concebido pelos ancestrais a fim de, a partir da explicação da origem divina do aparecimento da vida e do conhecimento, integrar o homem nos processos sociais sem causar uma ruptura crucial entre o natureza e a sociedade. Ele é, assim, a fonte geradora do 'Poró', sistema estruturador e regulador da sociedade, bem como instrumento iniciático destinado a elaborar o homem acabado, cuja configuração parece inseparável do 'Sizanga'. 'Sizanga' é também a fonte geradora dos modelos ancestrais básicos explicativos do mundo e do homem, recriados periodicamente através das representações que sintetizam o teatro sagrado Senufo, amálgama das relações existentes entre natural e social. É também um espaço epistemológico, propondo a problemática do conhecimento sintetizante que, através da iniciação, é transmitido de geração a geração, permitindo a sobrevivência dos principais valores ancestrais que organizam a sociedade. 'Sizanga' é, dessa forma, o local da elaboração final do homem natural-social, ligando-se vitalmente aos processos de socialização.

Essas qualidades fundamentais levam a sociedade a considerar essa formação florestal a síntese de um universo sagrado, estando intimamente relacionado à organização social dos Senufo. Essa configuração abrangente é evidenciada, ao nível histórico, pelo fato de que uma localidade que não possui o seu 'Sizanga' não é considerada autônoma, não é uma 'Kaha' (aldeia) mas um 'Vogo' (acampamento), conforme indicado por Ouattara (1979). E continuará nessa situação até que se sacralize o seu 'Sizanga' respectivo, permanecendo subordinado até então ao 'Sizanga' da 'Kaha' da qual se desmembrou.

Vejam, resumidamente, como essas proposições referentes ao Bosque Sagrado se manifestam.

Parece extremamente difícil tentar estabelecer a época em que o 'Sizanga' foi concebido e criado sob a forma de aparato social, mas tudo leva a crer que isso ocorreu ao longo dos processos de sedentarização dos Senufo, processos esses que provocaram uma mutação na essência da organização social desses voltaicos. Com efeito, daí emergiram outras tipologias das relações do homem com a

(2) Com o aparecimento da dominação colonial e depois do Estado, os países então configurados sob os moldes ocidentais criaram figuras centralizadoras e regionais da administração oficial, como cantões e departamentos. Mas os Senufo, enquanto complexo étnico, não possuem esses aparatos, que lhes foram impostos. Sobre a organização matrilinear Senufo, vide Leite, 1986.

terra, nascendo as aldeias.<sup>3</sup> A necessidade de então estabelecer, integrar e difundir as principais normativas sociais organizadoras da sociedade diante das novas perspectivas históricas, teria dado origem ao 'Sizanga' e ao 'Poró', que concretizam essa proposta. Assim, nessa sociedade agrária, 'Kaha', 'Sizanga' e 'Poró' são elementos complementares, indissociáveis da explicação do mundo e da organização da realidade. Mas de qualquer maneira, considerando que os Senufo foram talvez os primeiros ocupantes de seu território, nele se encontrando possivelmente desde o "*primeiro milênio de nossa era*" (Rougerie, 1977:77), a hipótese é a de que a configuração social de 'Sizanga' é de significativa antiguidade. Nossos informantes, em sua linguagem poética, disseram que o Bosque Sagrado existe "*desde sempre*", "*desde os primeiros ancestrais*" ou que "*sempre foi assim*". A tese dessa grande antiguidade de 'Sizanga' é reforçada ainda pelo fato de que se constitui na praticamente única testemunha da grande vegetação florestal densa ainda existente numa região dominada pela savana.

'Sizanga' é um espaço natural preservado, altamente diferenciado, e uma formação florestal testemunha. De fato, como o território Senufo localiza-se em zona de savana, o 'Sizanga' destaca-se fortemente na paisagem sendo praticamente impossível deixar de notá-lo quando se percorre o território Senufo. Localiza-se sempre nos arredores das aldeias, sua distância delas podendo variar, mas é geralmente visível a partir das localidades.<sup>4</sup> O Bosque Sagrado é uma formação florestal bastante cerrada, principalmente se colocado em comparação com a savana, e possui uma variedade expressiva de grandes árvores,<sup>5</sup> árvores de menor

porte, arbustos, folhagens, etc., enfim, uma vegetação densa que permitiria o estudo das antigas coberturas florestais hoje desaparecidas. Sua forma tende para o circular, ocupando, segundo Coulibaly (1978), entre dois e quatro hectares. Nós consideramos que as entradas que levam a seu interior são dissimuladas ou, pelo menos, dificilmente visíveis ao estrangeiro que o observa de uma certa distância, embora as trilhas ao ar livre que partem do espaço social em sua direção sejam bem demarcadas. De qualquer maneira, existem orlas em suas entradas e somente após ultrapassá-las é que se começa verdadeiramente a penetrar em seu interior. Nós nunca penetramos em um 'Sizanga' chegando apenas a um de seus limiaries.<sup>6</sup> Assim, temos de nos servir da parca bibliografia existente e das informações obtidas na pesquisa de campo – geralmente bastante reticentes – para apresentar alguns dados sobre o que existe dentro dele.

No interior do 'Sizanga' existem caminhos principais e caminhos secundários. Os primeiros levariam a um espaço diferenciado, talvez em seu centro e sob a forma de clareira, sendo possível que estejam orientados segundo os pontos cardeais, mas as informações não permitem assegurar que isso seja aplicável a todos eles. Quanto aos caminhos secundários, eles levariam a determinados locais e espaços destinados a certos rituais, seja a lugar nenhum, podendo ou não, ainda, fazer conexões com os caminhos principais. Registre-se a propósito que a fim de enganar o estrangeiro que penetre nesse espaço, existem dispositivos constituídos de "*... falsos caminhos de acesso, duplo sistema de lugares sagrados... "homens de palha" em lugar do encarregado real do culto, etc.*" (Holas, 1957:147, nota 1). Mas, é bem possível, senão certo, que esse sistema enganador seja destinado também a aumentar as dificuldades dos iniciandos que são recolhidos no Bosque Sagrado nas fases iniciáticas em que isso é previsto. Por outro lado, clareiras, pequenas ou maiores, locais de abrigo, de rituais, de sacrifícios, objetos sagrados e litúrgicos, completam o espaço.

Holas (1957) registra que anteriormente o 'Sizanga' era povoado por animais sagrados, como

(3) Sobre a noção Senufo de aldeia e sua administração, vide Leite, 1986.

(4) Em uma das aldeias que visitamos – aliás bastante isolada – seu 'Sizanga' encontra-se suficientemente perto. Pudemos ouvir o som de tambores e de outros instrumentos de maneira distinta. Tratava-se de uma cerimônia do 'Poró' e vários iniciados, vestidos com as roupas adequadas para essas ocasiões, estavam se dirigindo ao 'Sizanga'. A intervenção de um velho iniciado, sobretudo indignada, nos fez partir em seguida, sendo recomendado que nem mesmo voltássemos o olhar em direção ao Bosque Sagrado. Ao hesitarmos em partir imediatamente, fomos advertidos por nosso acompanhante Roger Soro, ele mesmo um Senufo de outra localidade, de que isso poderia ocasionar problemas imprevisíveis.

(5) Coulibaly (1978) cita nove espécies principais: 'Bligia', 'Sapida', 'Cola', 'Cardiofolia', 'Antiaris', 'Africana', 'Ceiba', 'Pentadra' e 'Adansonia Digitata'.

(6) Nós estivemos perto de vários 'Sizanga' e chegamos mesmo a uma de suas entradas. Mas nunca nos foi oferecida permissão para entrar em um deles. Para que isso se tornasse possível, foi-nos sugerida a possibilidade de passar por uma "*iniciação rápida*", prática que existe e que condenamos fortemente.

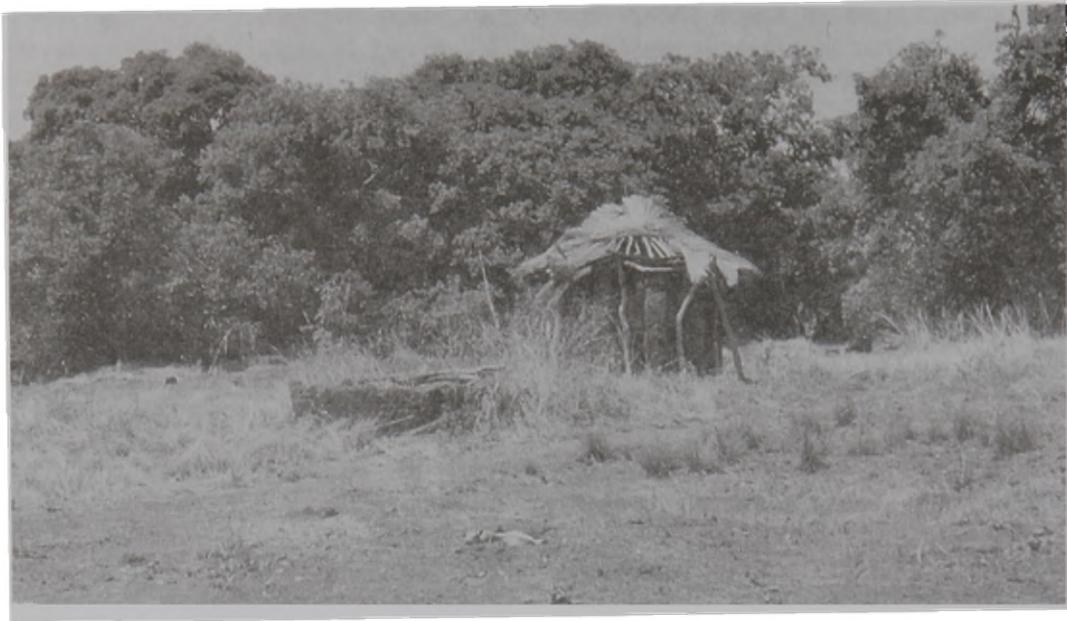


Foto 1 – Um 'Sizanga', com pequena edificação em sua orla, destinada à guarda de objetos a serem utilizados nas cerimônias que se passam em seu interior. (Foto: Fábio Leite)

a serpente 'Piton', caimãs e peixes, que faziam parte do universo mítico e litúrgico, os quais eram cuidadosamente tratados pelos dignitários responsáveis. Era também o local onde se encontravam as representações de totens das famílias através de estatuetas ou efígies.<sup>7</sup> Entretanto, não obstante todos os fatores históricos contrários à preservação de sua configuração originária, o Bosque Sagrado guarda ainda hoje, seguramente, uma expressiva representação material da sua simbologia e da arte sagrada, de vez que sua importância para a vida social continua vigorosa. Nesse sentido, as palavras de Ouattara – que indicam também a existência de alguns elementos específicos no interior do 'Sizanga' – ganham importância: "*Não é surpreendente, aliás, encontrarmos no bosque sagrado termos de estrutura familiar, pois que o bosque sagrado é a representação do mundo e da vida humana. Encontramos ali representados o céu ('Nien'), os espíritos que povoam o universo invi-*

*sível ('Madebele'), o homem ('Tyolobele', 'Nyábele'), a natureza ('Blatýge', 'Gunâ'), a aldeia ('Sizangakpapi gele')."* (Ouattara, 1981:59).

Dessa maneira, 'Sizanga' representa de início a imagem de um universo ainda não organizado pelo homem. Mas representa também um universo ligado ao aparecimento do ser humano e da sociedade. Essa problemática é sintetizada pelo próprio 'Sizanga' de um lado, e, de outro, pelos seres de origem social que fazem parte de sua natureza, reproduzidos e simbolizados pelo próprio homem em seu esforço de explicar a vida e nela integrar-se plenamente.

Podemos indicar brevemente alguns desses representantes do imaginário social, de acordo principalmente com as indicações de Holas e observações pessoais que tivemos a oportunidade de levar a efeito em algumas localidades Senufo.<sup>8</sup>

'Sizanga' é espaço específico para aparecimento de exemplares do bestiário sagrado Senufo,

(7) Os lugares originários de culto sofreram a ação iconoclasta de adeptos de uma seita denominada "Massa", estrangeira à espiritualidade Senufo. Esse movimento, vindo do Mali, durou cerca de vinte anos.

(8) Holas: 1957, 1968 e 1978. As observações pessoais, para esse caso, ocorreram nas localidades de Nenekry, Korhogo e Niapieledougou.

como, por exemplo, os monstros 'Nassolo' e 'Kagba', que reproduzem a forma de quadrúpedes, este último produzindo uma dança, ao longo de determinadas cerimônias, que constitui, segundo Holas "... a imagem de um mundo paradisíaco perdido, aquela que precede o aparecimento do homem." (1978:248).

As máscaras ocupam lugar de destaque nesse universo e os Senufo possuem um grande número delas, geralmente aparecendo no 'Sizanga' ou dele vindo para outros espaços, destinadas a inúmeras práticas sociais como rituais de iniciação, funerais e legitimação de certas instâncias como, por exemplo, a de representar as gerações de iniciados, cada uma possuindo a sua, ligando-se pois a inúmeros campos de conhecimento e, mesmo, das práticas políticas. Cita-se, dentre as mais conhecidas, as máscaras 'Kpelie', 'Wabele', 'Korobla', 'Yabli-que', uma das quais, 'Korobla', tivemos a inesquecível oportunidade de ver manifestar-se em ação.<sup>9</sup> Essas máscaras aparecem por ocasião de certos ritos iniciáticos ('Kpelie'); simbolizam "má sorte" e doenças, mas podem expulsar influências negativas que se abatem sobre as plantações ou, no tipo em que são pintadas de branco, fazer parte das cerimônias destinadas ao aparecimento real ou simbólico de ancestrais ('Wabele'); ligam-se à problemática da morte e da separação eficiente dos princípios vitais constitutivos do homem, sendo companheiras dos cadáveres e dos ferreiros que, na forja, produzem ruídos que penetram nas entranhas do solo ('Korobla'); podem simbolizar o desconhecido ('Niarou') e as divindades da noite ('Yeblique').

Além do bestiário sagrado e das máscaras, a proposta Senufo de explicação do mundo concebeu também os atores travestidos. O papel desses personagens parece ser o de auxiliar ou complementar a ação das grandes máscaras ao longo de cerimônias e a dos dignitários delas encarregados. De qualquer maneira, esses atores manifestam-se em variadas circunstâncias.<sup>11</sup> É o caso da recriação pública da história dos ancestrais e o exercício da

sátira às práticas sociais e a situações (os 'Kamao'), de representações ocorridas em ritos funerários (os 'Yaladiogo'). Uma menção deve ser feita ao personagem 'Kouto'. Trata-se de ator masculino, totalmente escondido por vestes elaboradas com fibras vegetais multicoloridas e por um capuz de cor negra. O ventre do ator é colocado em evidência mediante arranjos feitos sob as vestes e destinados a representar as últimas fases da gestação. O conjunto lembra uma grande ave, talvez uma galinha.<sup>12</sup> Esse tipo, no contexto iniciático, representa a figura da mãe, simbolizando 'Katyeteo', divindade regente do 'Sizanga', princípio feminino primordial ligado à organização matrilinear dos Senufo que se manifesta, concretamente, na venerável figura que na comunidade eterniza essa proposta, possuindo o mesmo nome de 'Katyeteo'. 'Kouto' exerce ainda outros papéis: anuncia ritualmente as mortes e dança em público no encerramento dos funerais. Está, pois, comprometido com os ciclos sucessivos de aparecimento e término da existência visível. Diferentemente de outros personagens disfarçados, 'Kouto' pode ser visto sem nenhum perigo pelos não-iniciados, mulheres e crianças.

Esses habitantes do 'Sizanga', dentre outros, integram a proposta de explicação do mundo através de arquétipos sociais. Constituem-se em agentes dos modelos mítico-históricos que são transmitidos à sociedade com certa frequência através das representações que compõem o que pode ser chamado de teatro sagrado Senufo. A importância desses modelos não é pequena, pois de certa maneira encontram-se na base dos principais aparatos sociais que entre os Senufo são, segundo os seus valores civilizatórios, geralmente sacralizados. Para Holas, a exteriorização desses modelos – quando agentes eficazes da sociedade são acionados – constituem-se em representações "... dramáticas, periódicas, cuidadosamente elaboradas, segundo temas mitológicos que fazem parte da tradição sagrada constantemente retransmitida... Assim, mantêm-se vivas as lembranças históricas e os elementos constitutivos de uma imagem do mundo sobre a qual repousa, com efeito, toda a edificação social." (1978: 48).

(9) Conforme depoimento de Gon Coulibaly, 1979, em Korhogo. A mesma informação foi obtida em Nenekry, 1978.

(10) Vista na localidade de Nenekry, 1979, fora do 'Sizanga', em local vedado às crianças e mulheres ainda em idade de menstruar.

(11) Pudemos observar vários deles em Korhogo e em Niapieoledougou, neste último caso ao longo de uma cerimônia funerária cíclica.

(12) A galinha é um tema que aparece em certas dimensões da iniciação do 'Poró'. Este seria a galinha-mãe com seus filhotes, os iniciandos.

Não cabe discutir aqui como e em quais momentos precisos da vida social esses modelos se exteriorizam, passando do plano da consciência ao da sua reprodução material. Para tanto, teríamos de penetrar em um universo que não constituiu alvo de nosso trabalho.<sup>13</sup> Pode-se entretanto registrar que essas representações se produzem como prática social nos principais momentos que envolvem e atingem a comunidade. Dentre outras, propõem explicações sintéticas das relações existentes entre o homem e a natureza dentro da ordem cósmica universal, envolvendo toda uma explicação a respeito de seus eternos ciclos e etapas. Quanto ao homem, ligam-se aos diversos escalões do conhecimento, do mais elementar ao mais complexo e esotérico, por interferir ao longo dos processos de iniciação que propõem a transformação paulatina do homem natural em homem natural-social, transmitindo-lhe a consciência dessas mutações vitais e integrando-o plenamente na sociedade segundo os valores ancestrais. Na liturgia, são indissociáveis dos ritos agrários, dos cultos às divindades e aos ancestrais, indispensáveis ao equilíbrio material, moral e espiritual da comunidade. Estão também fundamentalmente ligados à problemática da morte e do renascimento, à elaboração dos ancestrais e às relações entre vivos e mortos, produzidas ao longo dos ritos funerários e certas cerimônias secretas. Ou seja, nessa instância ligam-se não apenas à continuidade da própria sociedade e seus valores, como à continuidade que se configura no país dos ancestrais após o fim da existência visível, proposição básica e fonte de legitimação desses mesmos valores. É possível também avançar que essas representações se produzem num espaço privativo e interdito aos não iniciados – o 'Sizanga' – e em certos espaços públicos, quando é o caso, compreendendo determinadas áreas das plantações, cemitério e até mesmo a aldeia<sup>14</sup> na dependência do efeito que se necessita, se deseja e se pode transmitir à coletividade em

(13) O estudo das propostas contidas nessa problemática pode talvez revelar as concepções mais profundas da explicação Senufo do mundo e do homem. Um notável trabalho feito nesse sentido, a partir do ponto de vista da sociedade Bambara, é o de Zahan, 1960.

(14) Nós pudemos constatar entre os Senufo um notável entrosamento entre a aldeia e o cemitério, não ficando estabelecidos definitivamente em casos observados os limites entre os dois espaços que, ao contrário, pareciam complementares.

face de uma determinada circunstância.<sup>15</sup> Cabe acrescentar ainda que essas exteriorizações dramatizadas da explicação Senufo do mundo exigem o domínio do conhecimento dos arquétipos ancestrais de um grupo determinado,<sup>16</sup> privilégio detido por uma confraria de sábios – os velhos iniciados da comunidade – que acionam os atores e supervisionam os acontecimentos.<sup>17</sup>

Do ponto de vista que nos interessa reter aqui, consideramos que esses modelos e suas exteriorizações materiais envolvem a problemática do conhecimento e de seu acesso a ele segundo os padrões ancestrais, pressuposto básico da elaboração do homem natural-social e da sua integração ótima na sociedade. Essa problemática também se configura e se resolve no Bosque Sagrado. Vejamos de que maneira.

'Sizanga' propõe ao homem a problemática do desconhecido, configurando-se como um mistério permanente colocado às vistas da comunidade. Ele é habitado por seres atemorizantes, divindades boas e más, assim como pelos ancestrais, que ali retornam e se manifestam com frequência. O medo instintivo de penetrá-lo e, mesmo, a interdição de fazê-lo por quem não esteja habilitado a enfrentar suas forças, servem também para manter essa imagem. Por outro lado, o mistério que envolve 'Sizanga' é reforçado pelas transfigurações que sofre pela ação humana, sobretudo ao cair da noite, domínio dos temores. Realmente, se bem que certas cerimônias ocorram à luz do sol, à noite, nas ocasiões necessárias, o Bosque Sagrado produz ruídos estranhos, ouvidos à distância. São os iniciados que se reúnem para cerimônias "fechadas", ritos

(15) As manifestações esotéricas fazem parte do conhecimento oculto que é revelado paulatinamente ao longo dos processos de iniciação. Ou que são privativos apenas das sociedades secretas.

(16) Os Senufo não pretendem deter o conhecimento total, que seria privilégio do preexistente. Isso explicaria a existência de diversas confrarias de sábios, as chamadas "sociedades secretas", altamente especializadas em domínios precisos do conhecimento e que se diversificam em vários pontos das áreas ocupadas por essa sociedade. Se todas estivessem juntas, o homem deteria o conhecimento total e seria então igual ao preexistente, o que é impossível.

(17) É justamente esse conhecimento que se encontra em vias de desaparecimento. As tentativas para ao menos registrar a palavra desses sábios são tímidas se comparadas com o trabalho que isso representa. A nosso ver, somente o trabalho em equipe poderia trazer algum resultado. Mas já é quase tarde demais.

funerários e comunicações com os seres da noite e ancestrais. Os não-iniciados, as mulheres e as crianças, recolhidos na aldeia, sabem que homens qualificados estão estabelecendo relações com forças temíveis, mas ignoram como e quais os meios para fazê-lo e dominá-las.

Dessa maneira 'Sizanga' é um desafio ao conhecimento e um enigma a decifrar. De fato, não obstante o seu caráter aparentemente irredutível, ele pode ser acionado pelo homem e, de certa maneira, dominado por ele. Mas antes tem de ser conquistado. Ou seja, em última análise, o Bosque Sagrado representa as dificuldades que se apresentam para a conquista e obtenção do conhecimento. O conhecimento está perto do homem e este sabe que é possível atingi-lo, mas é um mistério às vezes perigoso, enganador, é necessário muita cautela para penetrá-lo e familiarizar-se com seus múltiplos aspectos, como é o caso do próprio 'Sizanga'. Essa conquista – temida mas desejada – já foi obtida por alguns homens, aqueles que têm o direito de penetrar no Bosque Sagrado e entrar em comunhão com ele. Esses homens conhecem e dominam seus mistérios, pois que descobriram as suas vias de acesso e percorreram os seus caminhos, que conduzem a múltiplos objetivos, alguns mais importantes, outros menos significativos, que às vezes podem estabelecer conexões, às vezes conduzir a nenhum lugar. O Bosque Sagrado não é assim apenas o universo mágico e misterioso proposto pelo imaginário saído das profundas relações que os Senufo mantêm com a terra e o sagrado, mas também a própria imagem do conhecimento.

O acesso ao desvendamento e domínio desse conhecimento é aparentemente simples: ele é obtido, segundo as regras ancestrais Senufo, pelo sistema iniciático estabelecido pelo 'Poro', com suas etapas sucessivas – outros tantos caminhos que levam ao 'Sizanga' – onde cada grau obtido corresponde a uma síntese da explicação do mundo, localizando diferencialmente o indivíduo em seu interior e em suas relações com a natureza e a sociedade de acordo com o conhecimento que corresponde a esses graus. Ao atingir as orlas desse conhecimento, isto é, quando chegar a ocasião em que integrará o grupo de aspirantes ao último grau iniciático – 'Tchologo' – o indivíduo começará realmente a penetrar no 'Sizanga' para finalmente começar a conhecê-lo e desvendá-lo. A exteriorização do domínio do conhecimento é dada assim pelo homem perfeitamente caracterizado, capaz de

transmitir os principais valores sociais. Nesse processo, as representações do teatro sagrado e as máscaras significam, em última análise, o conhecimento de que é detentora a sociedade como um todo, tornando-a capaz de decifrar o enigma proposto pela explicação do mundo e do homem.

Mas o processo de elaboração do homem segundo as propostas da sociedade não é simples e nela 'Sizanga' desempenha papel de mais relevante importância, senão insubstituível.

O 'Sizanga' é um centro irradiador da vida em sentido amplo, pois sintetiza o início do mundo e do homem, bem como a organização e o desenvolvimento da sociedade. Realmente, é no 'Sizanga' que ocorrem os processos finais da iniciação do 'Poro' – a fase 'Tchologo' – dos quais emerge o homem natural-social idealizado pela sociedade. O Bosque Sagrado, nesse campo, exerce um papel reparador das sucessivas dissoluções e recomposições do homem ocorridas ao longo das fases iniciáticas que antecedem o recolhimento nesse espaço diferenciado. Essas fases propõem a passagem paulatina do homem natural ao homem natural-social e a cada uma delas o indivíduo toma consciência de sua condição existencial através das revelações concernentes a cada um dos níveis atingidos. Ora, o homem ao nascer e durante um certo período, é um ser natural completo. Sua integração na sociedade vai tirá-lo dessa condição paradisíaca e cada etapa de sua iniciação, produzida no quadro amplo dos processos de socialização, corresponde de certa maneira ao esfacelamento de uma das partes dessa unidade. Inútil realçar que não se trata de uma divisão da personalidade, produzida pelo sentimento de agressão à natureza que se fundamenta na separação entre o homem e a terra, na apropriação dos recursos naturais e dos instrumentos de trabalho, elementos desconhecidos pela sociedade Senufo originária. Tratam-se na verdade de mutações sucessivas que correspondem aos processos de integração do homem na sociedade com a conscientização ótima das relações existentes entre o natural e o social, que é preciso unir.

A humanização progressiva do ser divino – o homem absolutamente natural – é uma imposição da sociedade devido aos processos históricos que a constituem. Dessa maneira, o indivíduo distancia-se de seu estado natural e acaba reunindo uma soma de consciência da sua condição natural-social, mas não a sua síntese. Mas o homem guarda sempre, em sua essência, uma dimensão natural



Foto 2 – Por vezes há até mesmo uma integração geográfica entre a aldeia, espaço social, e 'Sizanga', espaço da natureza. (Foto: Fábio Leite)

abalada momentaneamente por esses processos de socialização, as práticas históricas sendo substancialmente diversas dos processos da natureza. Ao final do processo o homem deve recuperar de certa maneira sua condição primordial, portador entretanto de uma consciência histórica. Essa é a síntese vital que, chegado o momento, lhe é oferecida pelo 'Sizanga'.

De fato, o preexistente Senufo, responsável pelos processos primordiais da criação, é o único detentor do conhecimento universal e o ser mais completo da natureza, sendo portanto lógico que o iniciando, que se encontra à busca de uma síntese, vá ao seu encontro e a ele se una. Essa fusão entre homem e divindade é proposta, materialmente, por um ritual que se desenrola no 'Sizanga' durante o qual 'Katyeleo' pode "... materializar-se em imagem de vulva sagrada, com a qual o adepto consuma um casamento simbólico." (Holas, 1957:145). 'Sizanga' é assim o próprio centro do universo do qual emana a vida em seu sentido mais abrangente, representando todos os processos e todas as sínteses. O acesso ao conhecimento sintético, proporcionado por uma união com o preexistente e que irá reparar

o esfacelamento relativo do homem natural produzido pelas sucessivas iniciações anteriores é um processo de sacralização do ser humano em sua dimensão natural-social, pois de certa maneira ele passará a ser uma espécie de imagem do preexistente, do qual já detém o sopro vital ('Neri') e o princípio da imortalidade ('Pile'), justamente sua dimensão mais histórica. Esse é o conhecimento possível, que assemelha o homem ao preexistente.

Mas esse processo reparador e sintetizador exige absolutamente a "morte" do iniciando, ou seja, o desaparecimento da personalidade anterior que devido aos processos de socialização tendeu a fazê-la distanciar-se de seu estado original puro tal como foi criada pelo preexistente. Exige também a sua gestação em direção ao próprio nascimento social, gestação essa que corresponde à fase das revelações que ocorrem no 'Sizanga' quando os iniciandos ali são recolhidos. E exige o renascimento total propriamente dito, vale dizer, a emergência da nova personalidade onde se fundirão harmoniosamente o natural e o social. Esses são os processos fundamentais que configuram o novo homem sob a égide de 'Katyeleo'.

Dessa maneira, o 'Sizanga', centro irradiador de vida,<sup>18</sup> é o próprio ventre de 'Katyeleo', que preside esse complexo processo de mutação do homem. É nesse ventre sagrado que são recolhidos os iniciandos da última fase do 'Poró' iniciático ('Tchologo'), uma vez despojados de todos os emblemas da vida social dada pela aldeia – mundo acabado da cultura que não é atingido em sua significação plena senão pelo conhecimento de sua explicação. Realmente, indo da aldeia para o Bosque Sagrado, os iniciandos estão praticando uma regressão ao estado intra-uterino, desta feita dentro de 'Katyeleo' – verdadeira imagem da mãe Senufo – de onde renascerão unificados, homem e natureza constituindo uma só proposta e uma única síntese. Daí serem "mortos" pela divindade, pois seu estado de afastamento da natureza primordial que continha em si – dado pela vida em sociedade e pelos processos de socialização – bem como o de detentor de conhecimentos parciais, não permitiria a união com a divindade. Inicia-se então a gestação, período durante o qual os jovens são submetidos às mais duras provas físicas e intelectuais tendentes a revelar os mistérios do mundo, a verdadeira localização final do homem na natureza e na sociedade, o caráter sintético do conhecimento segundo os valores ancestrais. Após essa gestação, o homem renascerá. Um dado de

extrema importância a esse respeito deve ser retido: ao longo dos processos iniciáticos da fase 'Tchologo' do Bosque Sagrado ocorre efetivamente um nascimento simbólico. Esse ato é dirigido pelo personagem 'Kouto', a que nos referimos antes, que assume na ocasião o papel de parteira. Os iniciandos tomam a postura de feto, sendo então simulado um nascimento, após o que 'Kouto' impõe-lhes um novo nome, iniciático e secreto, um dos principais atributos dessa metamorfose, tocando-os com um bastão ritual.<sup>19</sup> Aqui evidenciam-se, ainda uma vez e da forma mais expressiva, as relações que os Senufo estabelecem entre as várias instâncias da realidade: 'Kouto' é o mesmo 'Oleo' ou 'Sienleo' da aldeia, o "tio", o representante masculino mais velho dos ancestrais e guardião da terra que, travestido, assume nesse momento o papel de parteira. No ato, simboliza tanto a divindade 'Katyeleo', imagem da mãe e do princípio matrilinear, como a sua dimensão concreta de elemento integrador de práticas sociais. 'Sizanga', útero mágico, é na verdade o espaço sagrado sintetizador de princípios da natureza e dos valores essenciais da sociedade. Acionado pelos agentes sociais que se encontram em interação ótima com ele, 'Sizanga' dá nascimento a um homem pleno de identidade e lhe indica o caminho do conhecimento.

LEITE, F. 'Sizanga'. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 5: 251-260, 1995.

**ABSTRACT:** This text deals with some aspects of 'Sizanga' (Sacred Wood), social apparatus of the Senufo, African-Negro society, and of the relationships it establishes in the universe of the historical practices, revealing perception-and reality organization-forms according to originary values which define the deep identity of this civilization.

**UNITERMS:** Senufo – 'Sizanga' – Socialization – Identity – Knowledge.

(18) Holas (1957) lembra sobre a existência, no interior de 'Sizanga', de um cone de sacrifícios, elaborado em terra, o qual representaria o "umbigo do universo ritual". Nós descrevemos em outros trabalhos um centro irradiador de vida social localizado sobre monumento em terra que esconde a pedra que simboliza o ancestral-fundador de uma aldeia e que existe nas comunidades Senufo (Leite, 1982, 1986).

(19) Segundo um depoimento, o ato de tocar com o bastão vem do fato de que os Senufo consideram que a memória é também sensorial, dela fazendo parte o corpo. Assim, por exemplo, uma criança encarregada de transmitir uma mensagem terá sua cabeça tocada três vezes por um pequeno golpe, o que lhe impedirá de esquecer o conteúdo da mensagem por força das maravilhas que encontrará no seu percurso.

### Referências bibliográficas

- COULIBALY, S.  
1978 *Les paysans Senufo de Korhogo*. Faculté des Lettres et Sciences Humaines, Dakar.  
1978 *Les paysans Senufo*. N.E.A., Abidjan-Dakar.
- DAOUDA, S.  
1978 Entrevista sobre "Célébrations des cérémonies de retour des bois sacrés". *Fraternité Matin*. Abidjan.
- HOLAS, B.  
1957 *Les Senufo* (y compris les Minianka). P.U.F., Paris.  
1968 *Les dieux d'Afrique noire*. Librairie Orientaliste Paul Geuthner, Paris.  
1978 *L'Art sacré Senufo*. N.E.A., Dakar-Abidjan.
- KOUASSIGAN, G.-A.  
1966 *L'Homme et la terre*. ORSTOM, Paris.
- LEITE, F.  
1982 *A questão ancestral*. (Notas sobre ancestrais e instituições ancestrais em sociedades africanas: Ioruba, Agni e Senufo). Tese de doutoramento. São Paulo.  
1986 "Penyakaha". *África*, Revista do Centro de Estudos Africanos da USP, 9. São Paulo: 19-33.  
1988 O "Poro". *Dédalo*, Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, USP, São Paulo, 26: 27-42.  
1992 A questão da palavra em sociedades negro-africanas. *Democracia e diversidade humana: desafio contemporâneo*. SECNEB, Salvador, Bahia: 85-95.
- M'BOW, A.M. et alii.  
1977 *Le nouveau dossier Afrique*. Marabout SS, Verviers.
- OBLE, J.  
1984 *Le droit des successions en Côte d'Ivoire: tradition et modernisme*. N.E.A., Abidjan-Dakar.
- OUATTARA, T.  
1979 Les origines du Poro communautaire. *Fraternité Matin*, Abidjan.  
1981 Nomenclature de quelques termes usuels dans les sources orales Senufo de Côte d'Ivoire. *Les cahiers de l'IHAAA*, 2. Abidjan, 83p.
- ROUGERIE, G.  
1977 *La Côte d'Ivoire*. P.U.F. Vendôme.
- SYLLA, L.  
1980 Démocratie de l'arbre à palabre et bois sacré (Essai sur le pouvoir parallèle des sociétés initiatiques africaines). *Annales de l'Université d'Abidjan*. Abidjan., Série D, 13: 69-106.
- THOMAS, L.V.  
1968 *Cinq essais sur la mort africaine*. Publications de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines, Université de Dakar, Dakar
- ZAHAN, D.  
1960 *Sociétés d'initiation Bambara* (Le N'domo, le Koré). Mouton, Paris.

Recebido para publicação em 10 de dezembro de 1995.